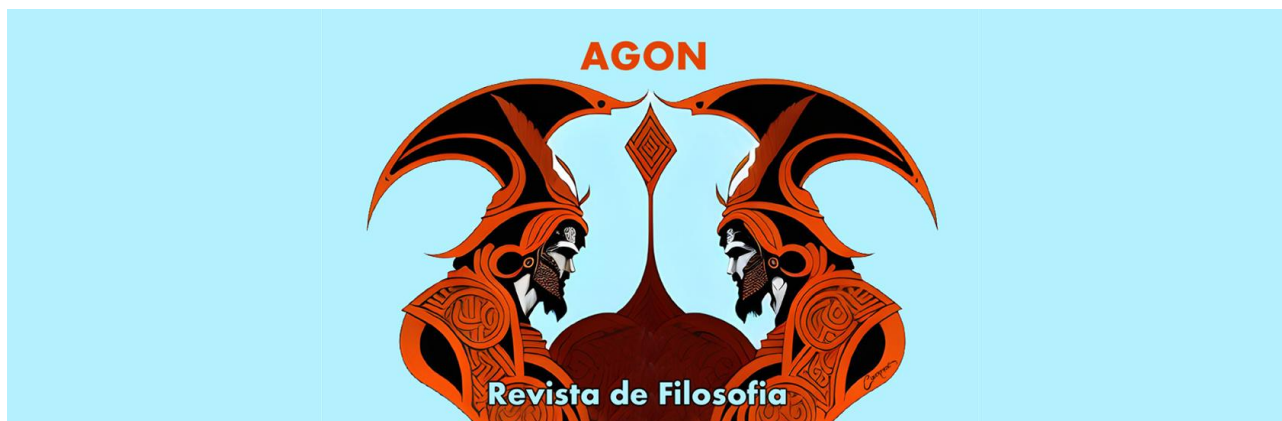




SOCIOPATOLOGIA DO FOGO E O FEMININO EM AMANDA LOVELACE

SOCIOPATHOLOGY OF FIRE AND THE FEMININE IN AMANDA LOVELACE

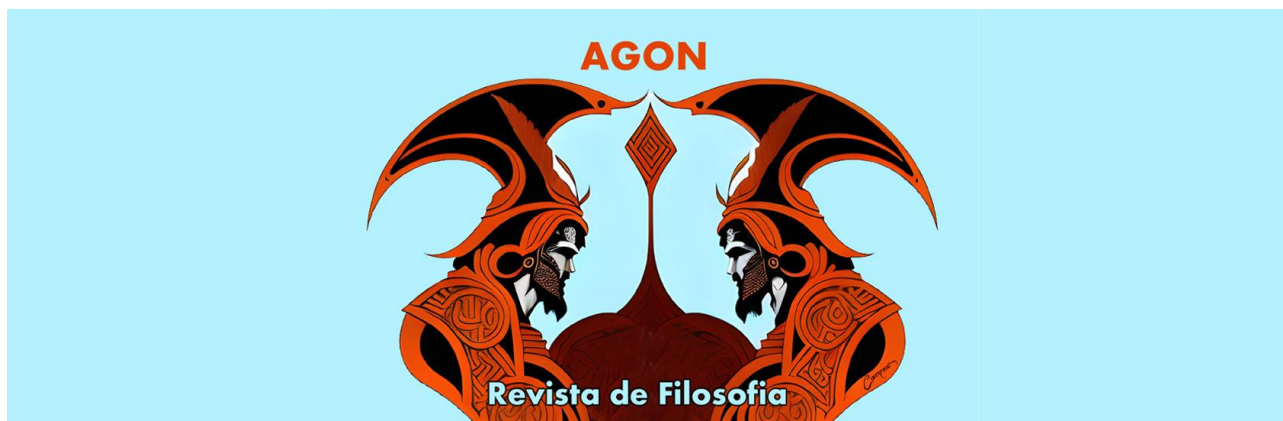
Roberto Nunes Bittencourt¹

RESUMO: Na perspectiva dos estudiosos da mente e sua relação com as entranhas sociais, a sociopatologia descreve um estado de morbidez que parte do indivíduo para o corpo social, resultando em condutas e comportamentos nocivos que estão ligados a uma sintomatologia coletiva, fruto das interações culturais. Desde a Idade Média, existe o que ora denominamos de sociopatologia do fogo, a noção de que os elementos heréticos, sobretudo femininos, precisam ser queimados. Essa visão sobre o feminino, que no medievo se configurou um legítimo feminicídio, com muitas mulheres sendo acusadas de práticas heréticas e sendo lançadas em uma fogueira real, tem perdurado na sociedade, mesmo que tenhamos avançado em direitos civis e um esboço de equidade de gênero que ainda precisa ser consolidado. Em sua obra *A bruxa não vai para a fogueira neste livro*, a escritora Amanda Lovelace, em sua poética engajada, discute os vestígios dessa inclinação social a vitimar a mulher, transformá-la em uma bruxa e lançá-la em uma fogueira simbólica. Todavia, Lovelace propõe que a mulher se emancipe, que desafie o status quo e que definitivamente, em seus versos subversivos, lance ela mesma na fogueira quem deseja queimá-la. Trata-se de uma nadar contra a corrente, ideia também cara a outros pensadores e escritores desde a segunda metade do século XX.

Palavras-chave: Feminino; Poética; Literatura Contemporânea; Amanda Lovelace.

ABSTRACT: From the perspective of those who study the mind and its relationship with social innards, sociopathology describes a state of morbidity that originates from the individual to the social body, resulting in harmful conduct and behaviors that are linked to a collective symptomatology, the result of cultural interactions. Since the Middle Ages, there has been what we now call the sociopathology of fire, the notion that heretical elements, especially female elements, need to be burned. This view of the feminine, which in the Middle Ages constituted legitimate femicide, with many women being accused of heretical practices and being thrown into a real fire, has persisted in society, even though we have advanced in civil rights and an outline of gender equality. which still needs to be consolidated. In her work *The witch does not go to the fire in this book*, the writer Amanda Lovelace, in her engaged poetics, discusses the traces of this social inclination to victimize women, transform them into a witch and throw them into a symbolic bonfire.

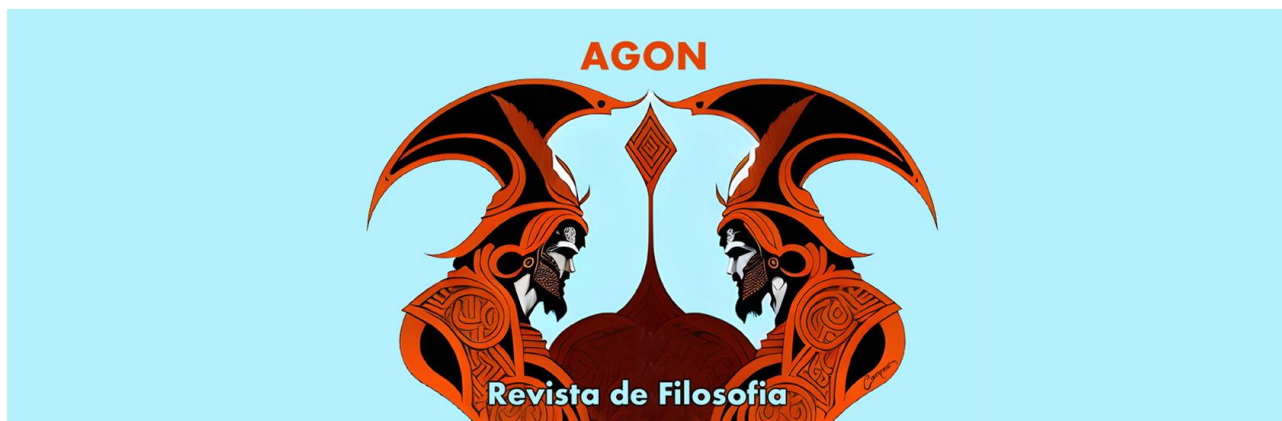
¹ Doutor em Letras Vernáculas (UFRJ). E-mail: rnb.roberto@gmail.com



However, Lovelace proposes that women become emancipated, that they challenge the status quo and that, definitively, in her subversive verses, they cast those who wish to burn them into the fire. It is about swimming against the current, an idea also dear to other weathers and writers since the second half of the 20th century.

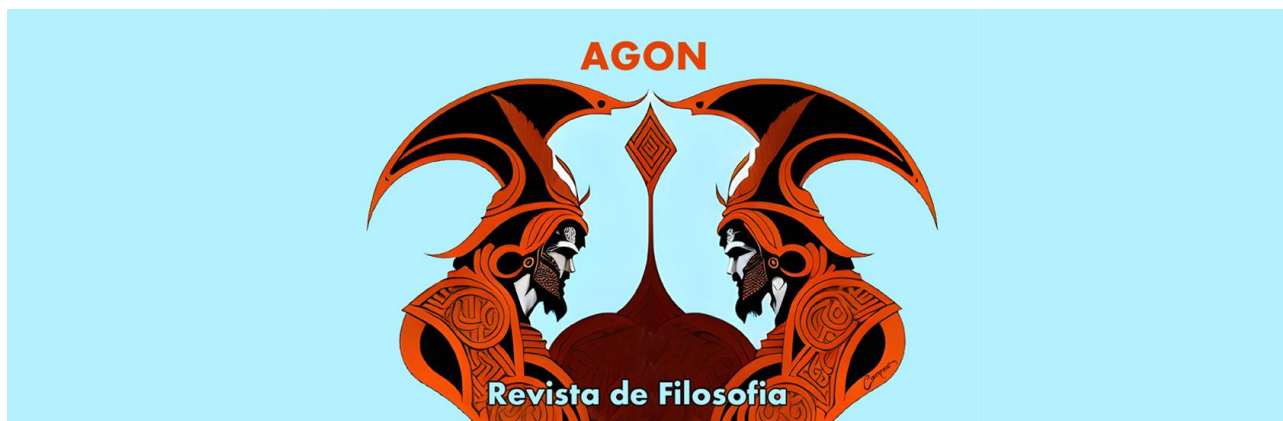
Keywords: Female; Poetics; Contemporary Literature; Amanda Lovelace.

Em sua obra *Psicanálise do Fogo*, o psicanalista Gaston Bachelard (1994) explora a maneira como o fogo está presente no imaginário humano e consegue moldar diferentes tipos de comportamentos, desencadeando condutas que são muito conhecidas, embora pouco exploradas pela psicologia. A obra é uma espécie de ensaio filosófico e psicanalítico, mas há muitos conceitos que podem ser examinados a partir de outros campos do saber, inclusive fazendo uma conexão direta com a literatura, a análise do discurso e com a literatura comparada. A partir dos estudos de Bachelard, bem como os trabalhos de outros pensadores que propõem leituras mais críticas e aguçadas da sociedade, teci aqui também um conceito relacionado ao fogo. No entanto, a minha ideia parte, na verdade, de uma construção que não está diretamente ligada à filosofia e nem mesmo à psicanálise, uma vez que não se trata de uma área que eu esteja tão familiarizado. Mesmo assim, alguns traços muito demarcados da psicanálise se conectam com o saber literário, a literatura em sua dimensão crítica está intimamente vinculada a muitos outros campos do saber e o pesquisador dessa área das Linguagens está destinado a fazer muitas outras leituras fora de seu campo estrito. Eu costuro neste ensaio alguns conceitos que são interdisciplinares. Sempre pensei a literatura como arte superior da imaginação, da criatividade e do afeto. Por isso, vejo que ela deve incorporar aquilo que permite que se façam inúmeras leituras a partir do que poderíamos chamar de sua epistemologia. No entanto, ela não está condicionada e adstrita ao âmbito da ciência dentro da base axiomática de Popper, uma vez que isso fere o que acredito ser a própria essência da literatura, sua zona limítrofe entre ciência e arte,



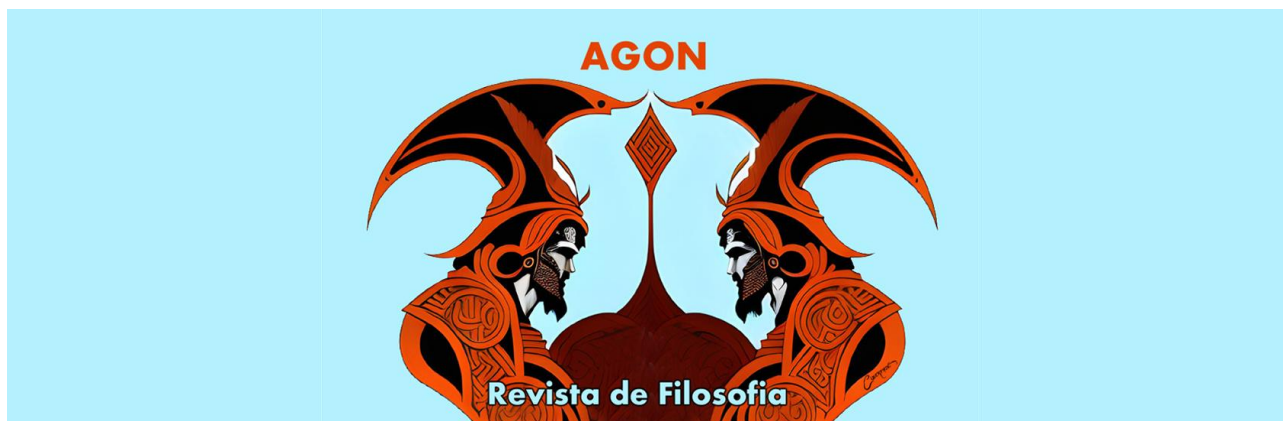
fazendo dela uma manifestação única do intelecto humano. Por isso, tenciono partir de alguns conceitos e estruturas interpretativos que envolvem tanto o saber da psicologia, grosso modo, como também da própria narrativa histórica, uma vez que tenho acompanhado uma leitura dos historiadores de sua ciência também muito distanciada de um valor lógico e pragmático como se pensava até o século XIX. Quero partir, então, de diversas ideias que ressoam quando pensamos em temas literários, sobretudo o poema lírico.

Quando aqui falo de poema lírico, estou, naturalmente, adotando a ideia de Aristóteles em sua *Poética*, quando ele faz a didática divisão entre poema épico, lírico, dramático e narrativo. Claro que algumas inserções foram feitas por pensadores e críticos posteriores, o que me faz pensar sobre quais de fato as conclusões que o autor grego tinha para o seu modelo classificatório e como ele foi encarado pela posteridade, tanto dentro da própria filosofia, que se distanciou muito de sua natureza primária, quanto da literatura, que tentou seguir um caminho próprio, embora continuamente se valha de tantas áreas do conhecimento humano para ler suas obras de arte por excelência, que pode congrega as mais distintos campos do saber que convencionou-se dentro da sociologia. Em primeiro lugar, é preciso esclarecer o nosso tema. A sociopatologia do fogo é uma ideia que me surgiu a partir das leituras e de dois temas: um histórico e um psicanalítico. Como não sou nem historiador e nem mesmo psicanalista, mas um professor de literatura e um letrólogo, o que tenho a debater em relação à obra de Amanda Lovelace são minhas leituras de temas que são caros tanto à história quanto à psicanálise, sem deixar de lado um pouco de alusões muito incisivas ao campo sociológico. Em meu trabalho como professor no campo da literatura, não se pode deixar de lado alguns temas que precisam ser encarados. A psicanálise e a história fazem parte de nossa leitura de mundo, sobretudo nessa primeira metade do século XXI, cujos temas se tornam cada vez mais ubíquos em nosso modelo de



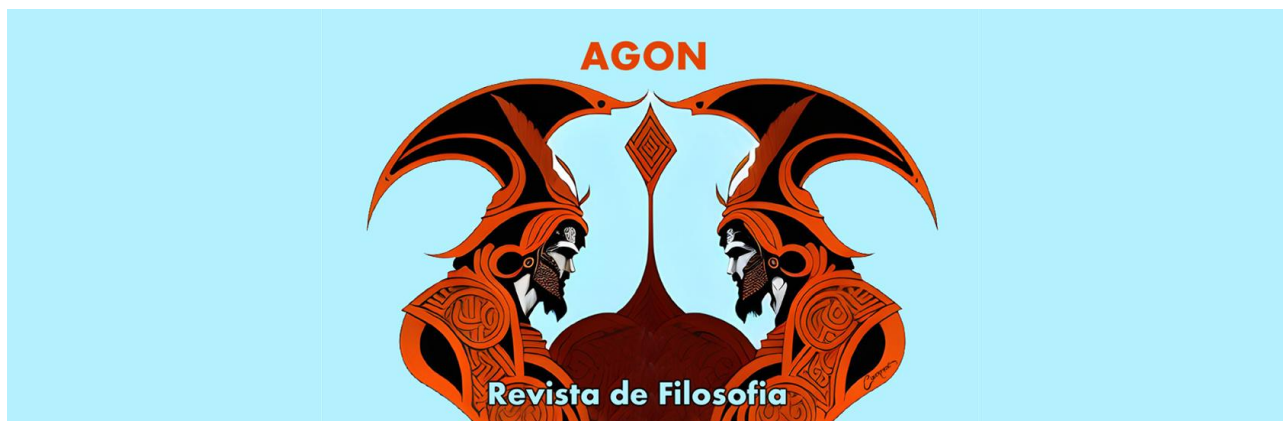
sociedade. Por isso, ao me defrontar com a obra da escritora estadunidense Amanda Lovelace, eu acabei por retornar tanto aos estudos históricos quanto me defrontei com algumas ideias que são muito caras aos psicanalistas brasileiros do tempo presente e do que os historiadores também chamam de história imediata.

Por isso, é importante destacar que minhas interpretações dos poemas de Lovelace são perpassadas por essas ideias que são muito particulares tanto a historiadores quanto psicanalistas, mas que não são pertinentes ao seu *modus operandi* e nem mesmo seu *modus vivendi*, uma vez que não sou nem historiador, embora esteja muito familiarizado com a historiografia literária, e nem mesmo psicanalista, embora não tenha me isentado das ideias de Freud e Lacan, grosso modo, que estão hoje muito popularizadas e dispersas em estudos literários, sobretudo Lacan, que tinha uma proximidade muito grande com o campo semântico em suas formulações teóricas que ele mesmo considerou freudianas. É importante lembrar aqui que estou em busca de uma leitura da obra de Amanda Lovelace a partir de elementos que não são exatamente literários, embora isso seja discutível, uma vez que a literatura pode ser entendida como todo aporte capaz de fazer uma compreensão e interpretação do texto literário, que traz marcas que não se reduzem a um único campo do saber. Entender a obra literária é trazer elemento de toda a realidade em suas mais diversas composições e formas que ela pode assumir em dado contexto relacional. A obra de arte nunca está trancafiada em si mesma: ela dialoga com a ciência, com a filosofia, com o saber popular e com a própria arte, em um movimento que nós, letrólogos, chamamos vulgarmente de intertextualidade, mas que não define em si mesmo o que é essa conexão da escrita com todo um corpus composicional que veio anteriormente e que faz vinculações heterogênea e plurissignificativas com toda a criação anterior e que cria uma semântica própria para o texto literário.



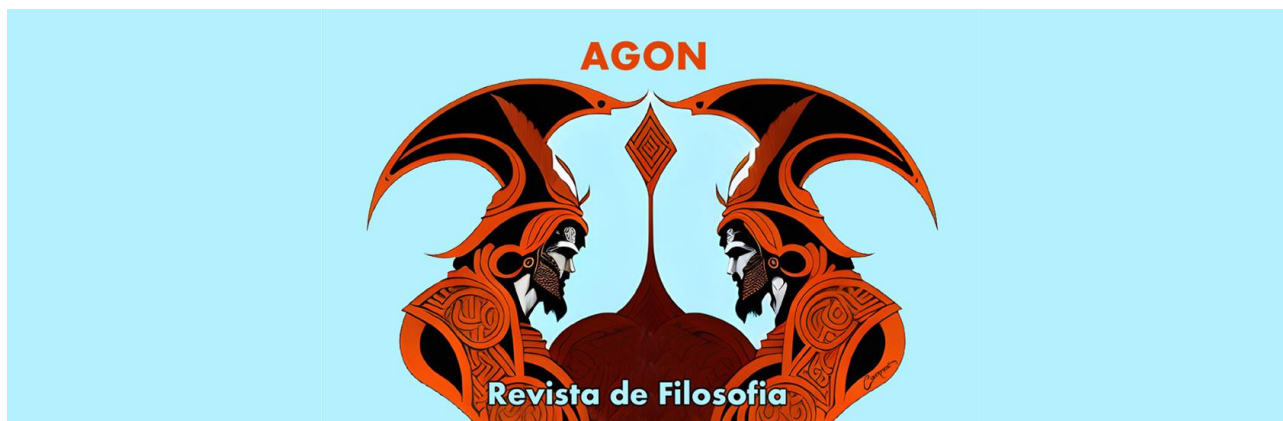
Assim, tomei emprestados da psicanálise a ideia de sociopatologia, embora ela não esteja vinculada diretamente ao campo do saber psicanalítico, que se concentra entre os principais nomes da teoria, sobretudo Freud, Lacan e Bion, se distanciando muito de outros nomes que são menos conhecidos e explorados pelos profissionais da área, como Melanie Klein e Donald Winnicott, que tratam de uma ramificação da psicanálise muito pouco explorada mesmo nos dias atuais. Desse modo, quando falo em sociopatologia, muitos autores podem defender tanto a interconexão entre teoria psicanalítica com a própria sociologia, que trata das relações sociais que se distanciam do campo da alteridade e de outras formas de interação, que envolvem a coletividade, de maneira salutar. Quando examinamos de forma detida a obra de Amanda Lovelace, podemos nos deparar com alguns conceitos que podem ser explicados por meio dessa chave da sociopatologia, mas de maneira muito dispersa. No entanto, acrescento um elemento muito significativo aqui: a noção de uma morbidez associada à simbologia do fogo, que me remete ao trabalho de Gaston Bachelard em sua *Psicanálise do Fogo*, uma obra que julgo muito instigante para analisar diversos fenômenos sociais e intrapsíquicos do mundo atual, e sobre os quais a literatura tem se debruçado de uma maneira tenaz, quase obsessiva.

Tanto na obra de Bachelard quanto em outros escritos coevos temos a ideia de uma sociopatologia que encarna o ideal de um comportamento ou uma conduta social que está generalizada e que se consolida a partir da noção de coletividade, de uma postura social, que envolve não apenas o indivíduo em sua simetria intrapsíquica, mas que reúne uma padronização interacional, que congrega diversos sujeitos em determinado célula da sociedade, ou em uma parte significativa dela, podendo, inclusive, abarca-la como um todo. Quando nos referimos a uma dimensão sociopatológica é que a patologia saiu da esfera do sujeito para afetar a sociedade na qual ele está inserido e que o comportamento atípico que ele manifesta foi referendado pela célula da sociedade da qual ele faz parte. A ideia de



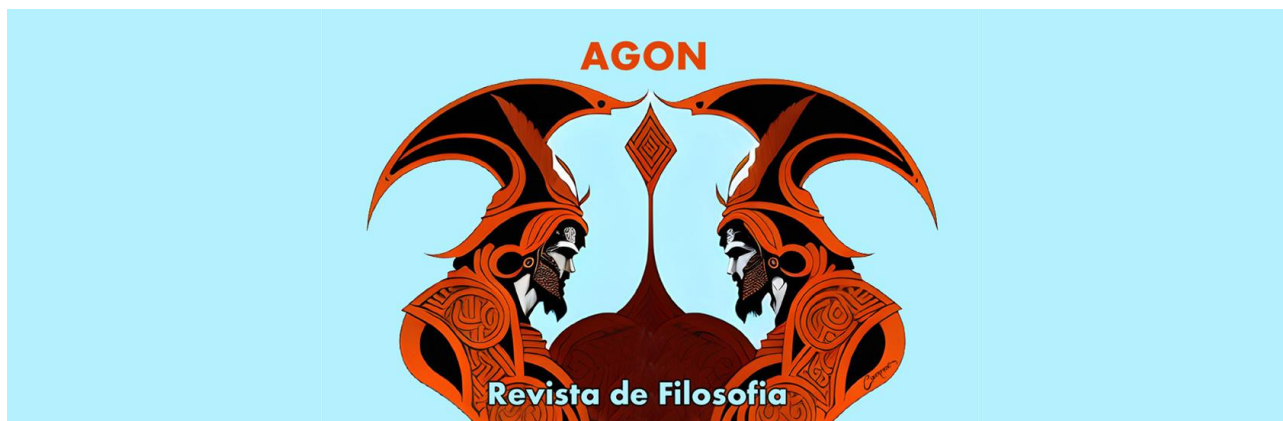
sociopatologia do fogo é algo que talvez eu possa arrogar o caráter de inédito, uma vez que mesclei diversos autores e suas ideias para conseguir articular um sentido muito mais particular em torno da obra literária de Amanda Lovelace, que é uma autora sobre a qual já tenho me debruçado. Lovelace é uma poeta com um talento aguçado e cuja lírica me cativa sobretudo pela singeleza de seus versos e por conseguir articular um discurso engajado em estrofes com uma linguagem que beira o prosaico, mas está repleta de todos os elementos do poema lírico clássico, desde o ritmo, passando pela construção de imagens polissêmicas sofisticadas até outros recursos estilísticos e expressivos, como anáforas, metáforas e, se lidos em língua inglesa, assonância e aliterações que não podem passar despercebidas, embora seu uso seja assaz comedido e inteligente pela autora, o que torna sua versificação ainda mais cativante.

Em Amanda Lovelace, temos uma noção um pouco mais complexa que envolve a sociopatologia do fogo, partindo de sua construção psicanalítica e com um viés histórico extremamente acentuado a partir do que entendo ter uma conexão direta com o texto da poeta estadunidense. Em um primeiro momento, foi definida a sociopatologia do fogo como um comportamento social dotado de uma dose exacerbada de morbidez que se inclina a condenar o feminino à fogueira por seu comportamento atípico frente às convenções sociais. Em outras palavras, existe uma postulação ortodoxa do que seria pertinente ao universo do gênero feminino e que não poderia ser contrariado pelas mulheres, caso contrário elas se enquadrariam como subversivas, heréticas, e, portanto, merecedoras de punição, que pode vir na forma de diferentes restrições e ou sanções sociais. Com isso, nós temos a ideia de sociopatologia do fogo, a inclinação a condenar o feminino por se destacar de uma padronização que é imposta pelo masculino que está diretamente ligada aos papéis convencionais da mulher na sociedade. Caso ela se torne um elemento que contrarie a ordem vigente, se torna uma candidata ao fogo purificador. Uma vez que o masculino se torna esse



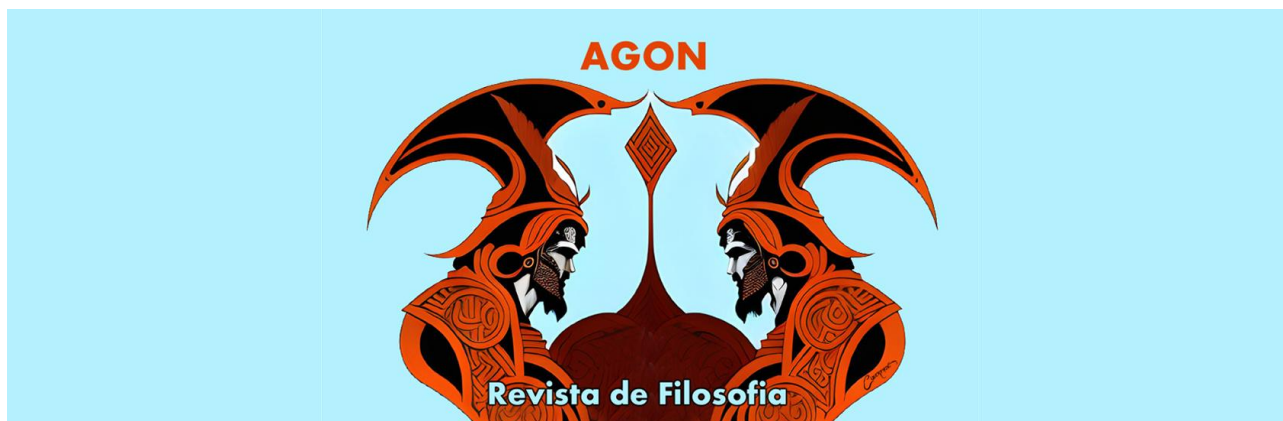
juiz e carrasco, nós atribuímos a ele a natureza patológica, que quer condenar as mulheres ao fogo, por sua forma de agir e se comportar, bem como pensar e refletir, que se distancia de seu modelo socialmente perfeito, dentro de uma idealização narcísica e extremamente doentia.

Logo, a sociopatologia do fogo implica em uma visão sobre a fogueira que é evocada dentro da obra de Amanda Lovelace que trataremos de forma mais detida neste ensaio, *A bruxa não vai para a fogueira neste livro*, cujos versos tratam de forma direta sobre essa condição da mulher, sobre a feminilidade ameaçada a partir de uma percepção obscurantista que ainda encontra eco em nossa sociedade, na forma de um comportamento societário de cunho patológico que encontra respaldo em casos tão constantes de violência contra a mulher. É impossível deixarmos de lado essa faceta do mundo contemporâneo cujos versos de Lovelace trazem à tona de maneira tão contundente, em uma metáfora brilhante que presentifica a simbologia do fogo, tão cara ao ocidente e que o próprio Bachelard faz tanta alusão em seus ensaios filosóficos e psicanalíticos de maneira tão brilhante. O fogo pode ser tanto uma espécie de bênção, simbolizando em Bachelard o conhecimento que liberta o ser humano do próprio deus que o escraviza, quanto pode ser uma forma brutal de condenação, quando a mulher é atirada nele como uma maneira de punição por sua conduta desafiadora. É nesse momento que Lovelace nos convida a uma reflexão em sua poética. Por que a bruxa haveria de ir para a fogueira se ela representa a postura crítica, o pensamento independente e o individualismo que foi pregado pelos renascentistas? No entanto, tanto a fogueira quanto a bruxa na obra de Lovelace possuem significado que são extrapolados pela semântica do texto literário, o que torna sua lírica tão fustigante, capaz de nos encher de deleite e nos elevar a um outro patamar reflexivo, que inclusive resultou nessas formulações de cunho literário que se desdobra neste ensaio.



Em outro ensaio que já escrevi sobre algumas das obras de Amanda Lovelace, tracei uma espécie de perfil biográfico da autora, que agora tento exumar aqui com algumas variações importantes que as minhas releituras de sua obra e seu percurso enquanto poeta acabaram me levando a algumas reflexões adicionais importantes para entender o conteúdo do seu texto. Uma vez que não sou uma mulher, o que faço é tentar entender o feminino a partir da leitura de um poeta que também lida com a polissemia das palavras, com sua força catártica, e, nesse sentido, tento fazer uma aproximação da minha própria percepção da arte pela arte, da arte que se inquieta e se torna engajada, como aconteceu em meu livro *Meu nome é Legião*, para, a partir disso, me embrenhar pela lírica de uma mulher com uma tal força expressiva. Lovelace é uma autora estadunidense, eu começo com o termo genérico para em seguida me corrigir, é uma poeta, como a nossa Cecília Meireles, como a nossa Cora Coralina e como a magistral Florbela Espanca, uma vez que sua voz também ressoa em nossa poesia, que não se desvincula de maneira alguma da poética portuguesa que remonta a Camões, mesmo quando Pessoa tenta dele se apartar com seu sopro moderno embebido em um classicismo inovado. Amanda, que teve um prenúncio midiático de suas obras líricas, chegou a publicar seus textos em canais de comunicação do ciberespaço.

A poeta, acima de tudo, queria que seu lirismo fosse contagiante, que pudesse ser lido pelas mulheres, que parece ter sido seu público-alvo primário, embora sua obra seja um convite ao masculino para pensar também sua posição em relação ao feminino. Eu me arrisco a dizer que a obra de Amanda Lovelace é um convite ao masculino a tentar decifrar com mais acerto a alma feminina e, desse modo, não cometer tantos erros grosseiros por encarar o gênero oposto a partir de seus preconceitos e distorções medonhos. Lovelace publicou alguns livros que encontramos traduções para o português, entre eles a obra que escolhemos para esta análise. O livro *The witch doesn't burn in this one*, publicado originalmente em 2018, foi vertido para o português e editado pela Leya também em 2018,



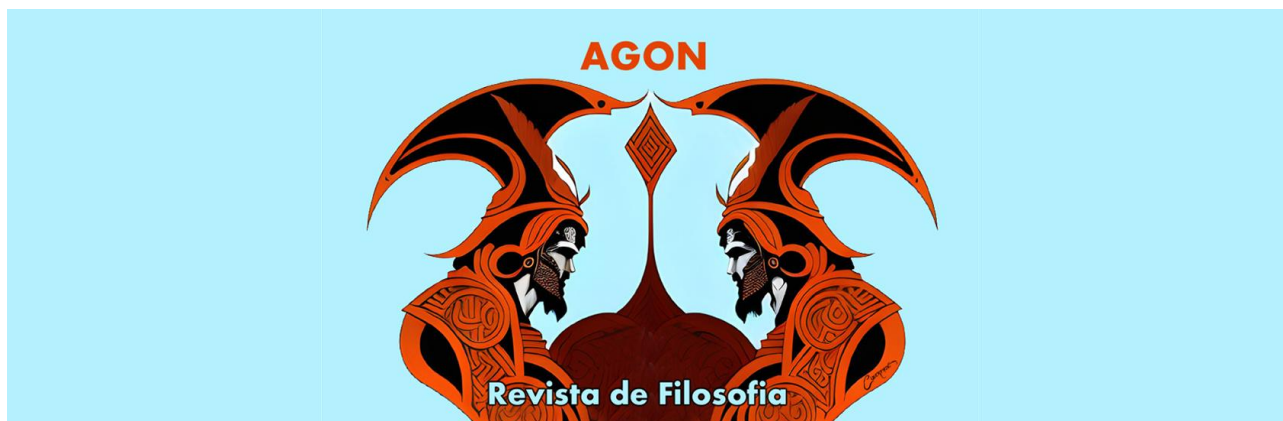
alcançando uma grande tiragem, o que rendeu a Lovelace outras traduções de seus textos para o nosso idioma. Neste ensaio, eu me baseio tanto no material traduzido por Izabel Aleixo quanto por uma versão de sua obra em sua língua materna, isto é, no inglês. Eu achei prudente fazer essa equiparação em alguns momentos das duas obras sobretudo para a análise do cunho poético, que se perde muitas vezes na tradução, e que eu precisava deixar evidente na minha análise a fim de elidir quaisquer dúvidas sobre a qualidade inequívoca do texto de Lovelace dentro do que a crítica chama comumente de teor lírico, ou qualidade estética de cunho poético. Na primeira parte de seu livro, que se intitula *O Julgamento*, Amanda Lovelace traz um poema sob o título de *Profecia II*, em que ela nos apresenta os seguintes versos:

o que acontece
quando você
lança
seus fósforos,

mas a
a bruxa pelo marido
simplesmente se recusa a
pegar fogo?

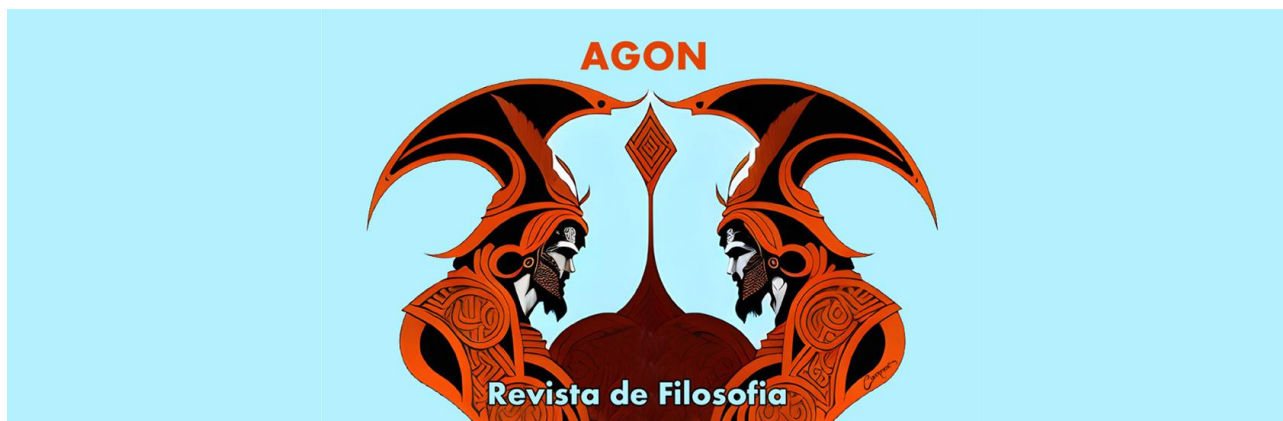
(LOVELACE, 2018, p. 24)

É curioso notar aqui que a poeta já nos presenteia com uma imagem do que ele considera parte importante e talvez indissociável da natureza feminina: a mulher é uma bruxa, ela não pode de forma alguma negar isso a si mesma. O seu convite é para que não se perca sua essência, assumindo uma postura crítica, de heterodoxia em relação à percepção negativa do masculino, das instituições opressivas, que condenaram essas bruxas. Posteriormente, ela se aprofunda em outros versos ainda mais sobre essa imagem da bruxa, que domina a semântica do livro. Sua retórica lírica é no sentido de confirmar que a mulher



tem uma aura fabulosa, mítica, subversiva e herética. Mas quem disse que esse seu lado herético e subversivo é negativo, é ruim? Amanda Lovelace refaz o conceito de bruxa, reconstrói sua simbologia: por isso afirma que a bruxa aqui não vai para a fogueira. Isso acontece não porque a sociedade tenha passado a tolerar a figura que foi o maior temor do medievo, mas porque a própria bruxa assumiu seu papel e se recusa a se entregar aos desmandos de um patriarcado opressor que a condena por sua própria feminilidade. No ocidente, a imagem da bruxa sempre esteve associada ao imaginário medieval. A poeta usa disso para fazer uma ressignificação em versos repletos de imagens poderosas: quando ela escreve que a bruxa lança seus fósforos, ela utiliza de seu poder, de seu charme, de sua elegância e de sua inteligência, seus fósforos são tudo aquilo que tem poder explosivo na mulher, tudo que ela pode usar como uma arma para conquistar ou se defender.

Nos versos finais deste poema, temos uma reviravolta em relação à condição da mulher, no que tange à sua condição de bruxa. É justamente nesse momento que a autora traz à tona o tema que orienta toda a sua produção literária nesta obra: mesmo ela tendo seu fogo próprio, assumindo sua condição de bruxa, que se distancia dos paradigmas e modelos sociais, possuindo ainda seu fogo próprio que distingue em sua feminilidade, que pode também ser associada à ideia do Gaston Bachelard de uma conexão profunda com o conhecimento, aquele fogo que foi tirado de nós, e que nos foi dado de volta por Prometeu, essa mesma bruxa pode ser queimada. No entanto, nesse excerto do poema, Amanda Lovelace chama-nos a atenção para outro fenômeno social nauseante: a violência contra a mulher, a violência doméstica que assolada a nossa sociedade. A mulher pode ser queimada pelo próprio marido, ela pode ser ferida e danificada, mas ela recusa-se a isso. Não aceitando se tornar vítima, essa bruxa não se entrega à fogueira. Em uma outra de suas obras, em que ela continua fazendo construções metafóricas instigantes, Amanda diz que a princesa deixa de lado sua condição frágil. É o mesmo que acontece nesta obra: a bruxa é uma mulher que



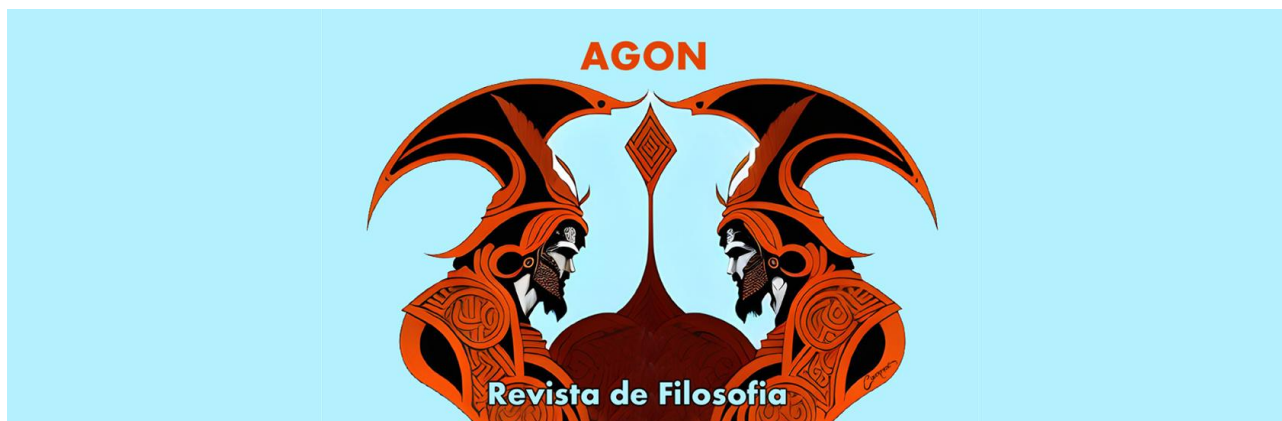
sabe brincar com fogo, ela não se entrega a algo que pode ser letal, é possível resistir, não permite que seu corpo e sua mente sejam maculados. Já em outros de seus poemas, Amanda Lovelace resgata a condição de bruxa da mulher, uma bruxa moderna, mas dotada de todo poder e força que as antigas e remotas figuras medievais tinham, para construir uma metáfora e uma imagem muito similar, destacando que a bruxa não somente não sucumbe à fogueira como ela mesma se torna um objeto incendiário: ela mesma pode queimar. Sua força está em seu eu feminino, que nos faz pensar na metáfora do fogo dentro da sociedade por meio de sua postura patológica, que diz que precisamos queimar, destruir e eliminar tudo que se desvia de um padrão aceitável. No entanto, essa bruxa do século XXI se apodera do fogo, como uma deusa dos tempos originários, somos conduzidos a uma percepção matriarcal do fogo, o fogo não se sujeita a uma condenação da heterodoxia, mas ele está à serviço dessa bruxa, que usa esse mesmo fogo para combater as mazelas de um mundo que gira em torno do autoritarismo, preconceito e opressão:

é isso mesmo,

sou
a mulher
com o
coração incendiário
sobre a qual
todos os seus pais
lhe advertiram [...]

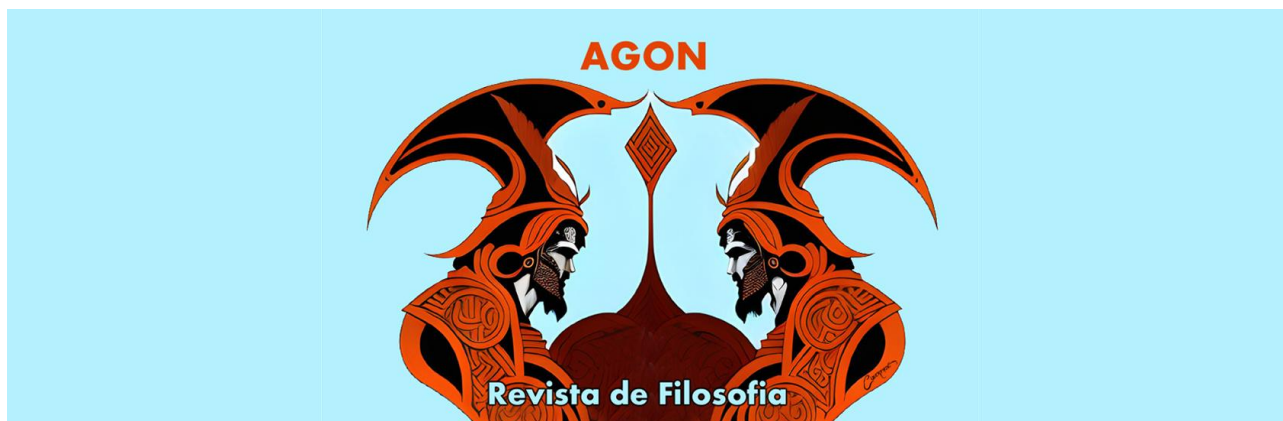
(LOVELACE, 2018, p. 35)

A bruxa começa afirmando que ela é uma mulher: essa figura está associada ao feminino, ao sagrado feminino, para alguns autores que se debruçam sobre o tema. Os historiadores não são unânimes, nem mesmo poderiam ser, sobre a presença da mitologia que cerca as bruxas do período medieval. Em seu livro sobre essa época e suas convenções,



o historiador Carlo Ginzburg (1989) fala de um processo inquisitorial que incluía tanto uma mulher como o seu marido, sendo acusados de bruxaria. No entanto, mesmo no imaginário social, a figura da bruxa está irrevogavelmente associada à mulher: ela sempre será a bruxa, ela sempre será a que poderá ser atirada na fogueira. Inúmeros outros elementos da cultura tornam o feminino com algo negativo, que traz ou trouxe sérios problemas para a humanidade, lhe imprimindo essa conotação mórbida, nefasta e patológica. No mito fundador do cristianismo temos Eva, que deu o fruto proibido para seu marido. Eva era uma estouvada, que acreditou na serpente, mesmo sabendo que os animais não poderiam falar, e, por fim, também convenceu o seu marido a pecar juntamente com ela. Já dentro da mitologia grega, temos Pandora, que literalmente lança para a humanidade todas as suas mazelas, todas as suas petes e pragas.

Nesse trecho da obra de Lovelace, ela afirma sua feminilidade e sua condição de bruxa, de elemento indesejável, que foi encarada sempre como uma ameaça. Ela mesma afirma, sou uma mulher e, portanto, perigosa, com um coração incendiário, capaz de destruir tudo, de trazer o pecado para o mundo, de lançar sobre ele toda as suas angústias e sofrimentos, sua mãe e seu pai lhe advertiram para que ficasse longe de dela. Em outras palavras, expõe o discurso e a retórica da mulher, que por ser incendiária, também é digna da fogueira. Ela faz o mesmo que Martinho Lutero fez ao afixar as 95 teses em Wittenberg, expõe uma narrativa que está disseminada, que todos já conhecem. Mas, ao mesmo tempo, ela assume que é uma mulher e que tem seu fogo próprio. O seu fogo próprio é um elemento que não se torna corrosivo, caso ela não queira. Em seu protagonismo, que Lovelace conclama não apenas nessa obra, mas em todas as outras que escreveu, a mulher tem consciência de que pode ser incendiária para que toda a floresta esteja em chamas ou se esse seu fogo servirá para aquecer e proteger do frio e de feras selvagens. É um fogo, portanto, que está sob seus cuidados, como é o caso da representação da deusa Vesta (JULIEN, 2005):



não é qualquer fogo e ser mulher não faz dela uma mera vítima ou elemento nocivo com um fogo perturbador. A lírica de Lovelace é muito sutil, e parte de seu conteúdo não consegue ser decifrado em uma leitura superficial, mesmo nesses versos, ela termina por sobrepor metáforas e figuras de uma maneira que pode passar despercebida pelo leitor. No entanto, no final desses versos, ela conclui dizendo que as chamas podem incendiar uma floresta inteira, mas podem também incendiá-la. Nesse caso, ela não vai permitir tornar-se uma vítima, se tornando algo que machuca. Nos versos de Amanda, o que mais nos chama a atenção dentro do que denominamos de sociopatologia do fogo, é o que se segue:

as mulheres são
consideradas

posses
antes de sermos

consideradas
seres humanos,

e se nossas portas
e nossas janelas

forem arrombadas
por homens perversos

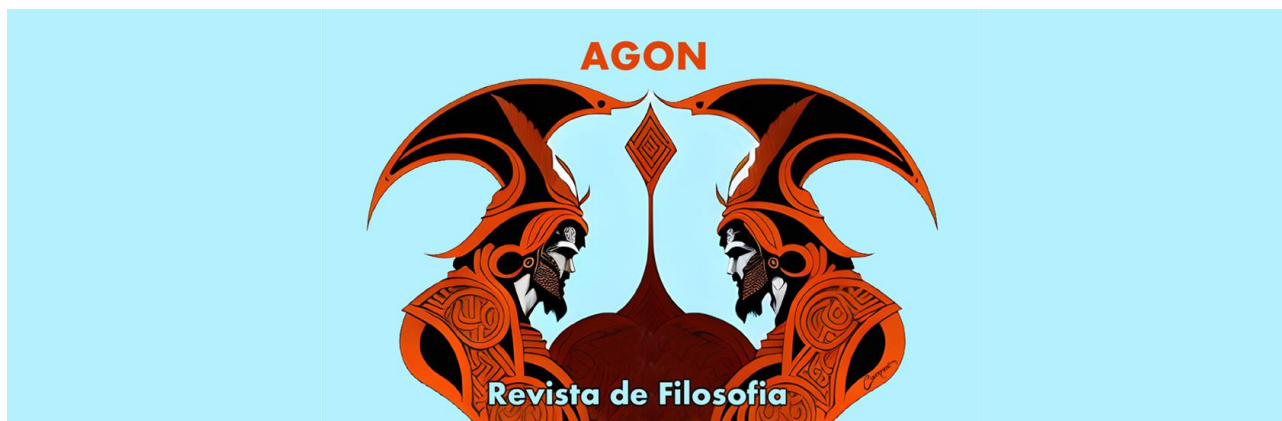
então somos jogadas
sem valor...

excluídas,
desprezadas.

então nos mudamos dos
nossos bairros

e criamos lares
em cada uma de nós.

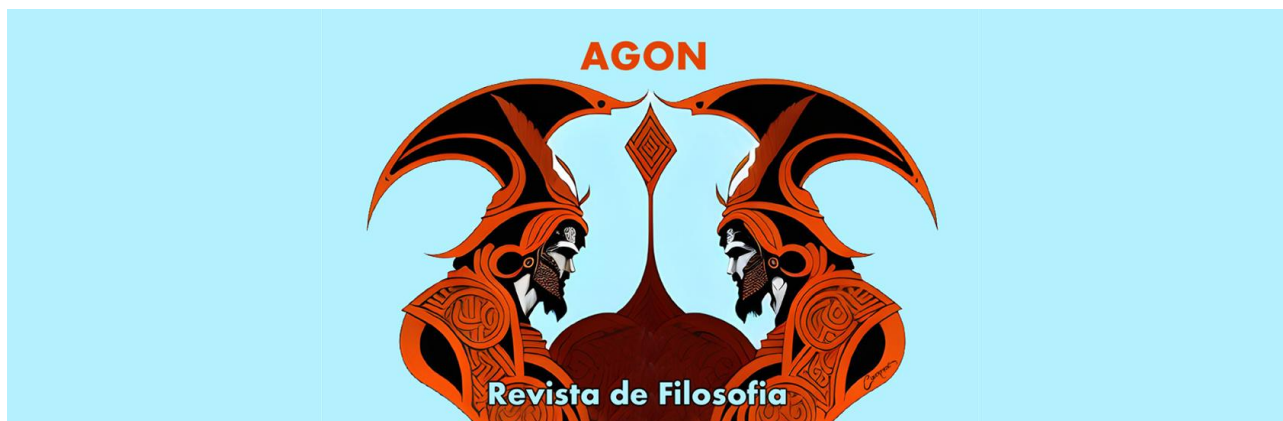
- fechamos aquelas portas e comemos aquelas chaves.



(LOVELACE, 2018, p. 41)

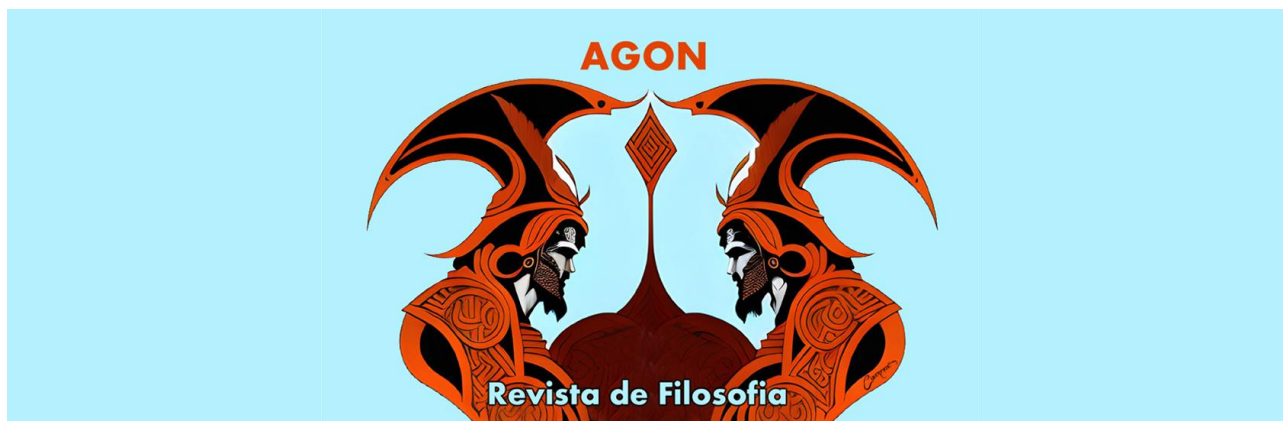
Esse é um dos poemas mais instigantes do livro: tanto pela sua força expressiva, pelo uso do lirismo em sua construção e pela força imagética, cuja temática evoca tantas situações e fenômenos grotescos contra as mulheres, deixando bem claro o que já afirmamos aqui sobre a morbidez da sociedade em relação ao feminino, com seu julgamento e juízo condenatório pelo fogo, um fogo que é puro preconceito e discriminação. Nesse poema, no entanto, é preciso tomar muito cuidado a fim de que a leitura não se nos escape, uma vez que na metáfora escolhida pela autora, podemos findar nos esquivando de sua polissemia, que está em cada verso. Quando ela afirma que as mulheres são consideradas posses, não me parece, portanto, que Amanda apela apenas para o sentido capitalista (a mulher que pode ser entendida como uma mercadoria), mas ela vai em um significado cultural que pode remontar a idade mais arcaica em que a mulher era tida como um sucedâneo dos bens de um homem, não era algo que pudesse ser comercializado, mas lhe pertencia como todo o seu espólio, estando também presa a ele. Antes de tudo, a mulher era uma herança, um legado. Tanto que, se seu esposo morresse, ela deveria cuidar das posses de seu marido e ser devota aos cuidados dos filhos, dificilmente estava autorizada a novo casamento.

Nos versos em que Amanda exclama que suas portas e janelas são arrombadas por homens perversos temos, de fato, a consumação da violência contra a mulher em sua forma mais brutal. Lovelace está nitidamente trazendo à tona a faceta mais cruel da sociopatologia do fogo: uma sociedade machista que não hesita em violar a mulher, seu corpo e sua mente: violência de todos os tipos, física, psicológica, moral e patrimonial. Janelas e portas são metáforas poderosas que evocam tudo aquilo que pode ser fechado, trancado, que a mulher escolhe se pode ser oferecido ao outro ou não. Mas o elemento perverso não espera consentimento: ele simplesmente arromba, deturpa, viola. A mulher se torna, então, uma vítima, mas nem mesmo esse status às vezes é reconhecido. Em muitos casos, a mulher tem



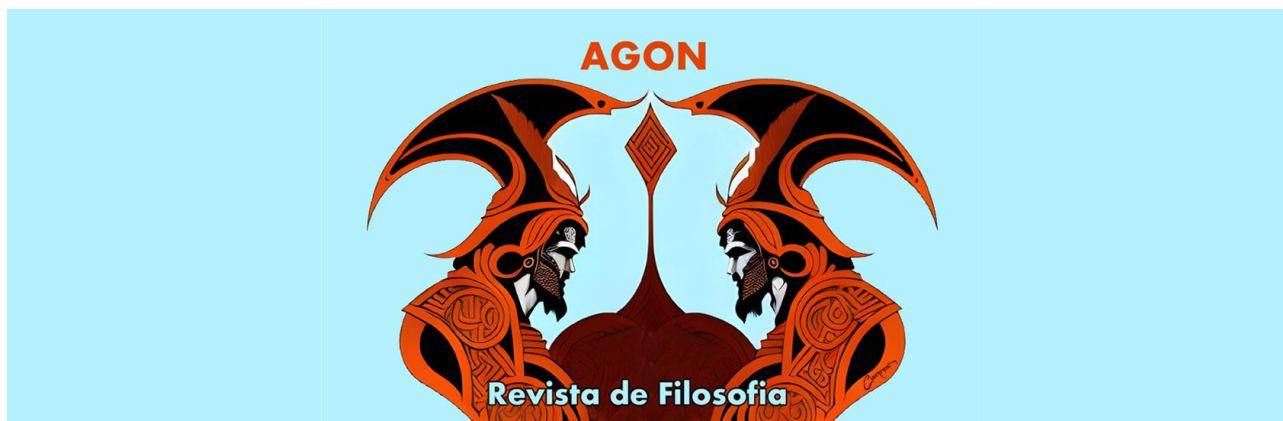
de atravessar a dor e o sofrimento causados por tamanha brutalidade e covardia em silêncio: é quando a bruxa usa seu fogo para aquecer a si mesma. O juízo condenatório dessa violação é ainda mais corrosivo, uma vez que elas são também consideradas as culpadas. Em torno disso, temos inúmeros discursos que subvertem a ordem do quadro de violência. Ela foi violentada porque se vestia de maneira vulgar, era uma mulher fácil. Mais uma vez, a sociedade em seu estado de morbidez lança suas chamas contra as bruxas, elas são desprezadas e excluídas. Ele é um homem da alta sociedade, ela é uma negra da periferia, só queria dar um golpe para conseguir dinheiro. Mais uma bruxa que é lançada na fogueira: fogo patológico, doentio. Mas a bruxa não vai para a fogueira, é o que propõe Amanda. Por isso, ela termina o poema dizendo que bruxa fecha suas portas e janelas e devora a própria chave.

Na sequência do poema, fala que as mulheres, aquelas bruxas cujo fogo próprio começa a se dissipar, são obrigadas a saírem de seus próprios lares. Elas precisam resistir de alguma forma, encontrar um outro lar, encontrar uma forma de se desvencilhar daquele lugar de juízo, daquele outro fogo capaz de fazê-la sucumbir. Dessa forma, estamos diante de uma alegoria tanto de sua própria identidade, que muitas vezes essas mulheres precisam deixar de lado, quanto de seu próprio patrimônio. A violência, a sua condenação, o fogo patológico, persecutório, faz com que percam seu lar concreto, seus bens, suas poucas riquezas, que trazem conforto, segurança, bem-estar. No entanto, isso não as paralisa, ou deveria paralisar. Elas precisam e findam por encontrar outros lares, outras riquezas em cada uma delas. Assim, essas bruxas que foram mais uma vez condenadas não se deixam abater, reconstroem suas vidas, seguem por outro caminho que as levam a descobertas, aprendizado, remodelação de seu próprio eu feminino. Estão dentro de um fogo purificador. É importante notar que no texto de Amanda Lovelace, esse fogo pode ser tanto de natureza patológica, em sua morbidez condenatória, de caráter social e cultural, mas também pode

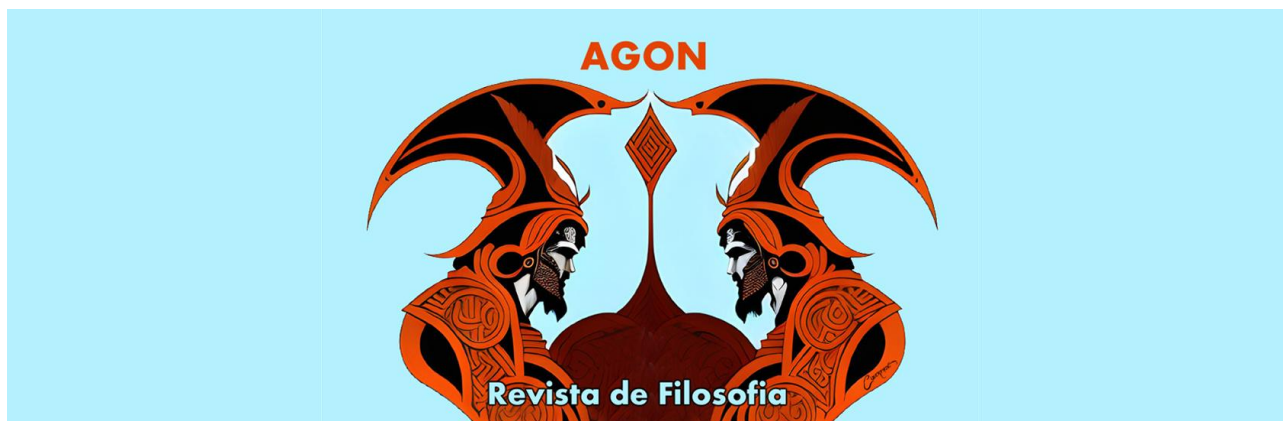


ser o maior aliado do feminino, uma vez que irradie de dentro dela mesma, se tornando sua fogueira particular, não aquela de seus inimigos, daqueles que as condenam, que as oprimem e que as machucam. A poética de Amanda está sempre envolta em um pensamento crítico e um olhar arguto para a condição da mulher. Ela é uma das autoras mais engajadas em torno dos males que assolam a vida e a experiência feminina em um mundo machista e misógino, que não cede espaço para que a mulher vivencie de maneira satisfatória com seu corpo, suas ideias, seus sentimentos e sua inteligência. A mulher é ridicularizada, seus papéis são limitados, seus direitos muitas e muitas vezes são suprimidos. Ela é uma bruxa, como propõe Lovelace em sua lírica: uma bruxa que a sociedade, dominada por uma patologia social do fogo, insiste em condenar. No entanto, sua condenação é muito similar aos julgamentos depreciativos então em voga no mundo antigo, isto é, sua honra e sua memória estão em jogo. Por isso, Amanda Lovelace insiste em retratar isso em cada um de seus livros. Partindo do pressuposto que toda mulher carrega em si alguns personagens do imaginário popular, a princesa, a sereia e a bruxa, a autora constrói uma lírica de decifração, de disseminação e um amplo debate sobre o que é ser uma princesa, sereia e bruxa em pleno século XXI.

Em seu *A bruxa não vai para a fogueira neste livro*, a poeta nos leva a um mundo que já conhecemos: quantas mulheres ainda são levadas à fogueira por inclinações nefastas de um machismo capaz de julgar e condenar o feminino? A sociopatologia do fogo está visível em cada verso que Amanda traça para compor esse cenário desolador. Estamos falando de uma cultura de preconceito e discriminação pungente, que fere, que machuca, que segrega, que faz com que tenhamos sempre uma imagem unívoca sobre o feminino. A bruxa que os homens enxergam, que a sociedade enxerga, está ligada ao estado de morbidez, que sempre conclama o fogo da execução, do isolacionismo, da depredação, da condenação sumária. Contra esse fogo, Lovelace propõe que a mulher também seja incendiária: “queime quem



deseja queimar você”, ela instiga em um de seus versos. Seu fogo não é o mesmo daquele estado doentio que consome a sociedade, é um fogo que purifica, defensivo, capaz de transformar em cinzas o preconceito e depreciação da mulher. Desde a construção da ideia de bruxas no medievo, a mulher tem sido considerada um elemento herético. Em sua obra, Amanda evoca todos esses quadros em que o feminino é encarado não como algo sagrado e benéfico, mas de forma depreciativa: a mulher é uma bruxa, mas não no sentido combativo de uma ortodoxia doentia: ela é encarada apenas como uma personagem cruel, de sangue ruim, nociva. Por isso, existe uma única ordem social: queimem as bruxas. Elas precisam ser condenadas por seus crimes, por sua ousadia, por seu destemor. Se a mulher desafia o status quo, ela se torna de fato aquela bruxa que causa embaraço, que causa perturbação. Por isso, o patriarcado, o machismo e misoginia inflamam em um discurso de fogo: a fogueira inquisitória, a fogueira de uma sociedade macabra, perversa. Em um sentido que alguns autores do século XX chamam de contracorrente, Amanda Lovelace propõe que a mulher se aproprie desses signos, desses símbolos e criem sua própria estética, sua própria ética e sua própria política. As bruxas também podem ser incendiárias: elas não precisam ir para a fogueira: elas são o próprio fogo.



REFERÊNCIAS

BACHELARD, G. A psicanálise do fogo. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

GINZBURG, C. Mitos, emblemas, sinais. São Paulo: Cia das Letras, 1989. 281p.

JULIEN, N. Dicionário Rideel de Mitologia. São Paulo: Rideel, 2005. 216p.

LOVELACE, A. A bruxa não vai para a fogueira neste livro. Rio de Janeiro: Leya, 2018. 207p.